



**A vocação espiritual do pastor - Eugene Peterson**

PETERSON, Eugene. **A vocação espiritual do pastor**. 1ª Edição. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 21-40.

## 1

### **Comprando a passagem para Tarsis**

Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor para Tarsis; e, tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Tarsis; pagou, pois, a sua passagem e embarcou nele, para ir com eles para Tarsis, para longe da presença do Senhor. Jonas 1:3

*Fiz muitas coisas em minha vida que atrapalharam os grandes alvos que eu tinha estabelecido — e algo sempre me trouxe de volta ao verdadeiro caminho. Alexander Solzhenitsyn*

Jonas é um personagem querido por todos. As crianças em geral adoram sua história, e os adultos também ficam fascinados. Pessoas de fora que têm um mínimo de conhecimento ou interesse pelas Escrituras sabem o suficiente sobre Jonas para rirem de uma piada baseada na história. Os estudiosos, estufados de tanta erudição, escrevem artigos e livros sobre ela. Sua influência pode ser vista em descendentes tão diferentes quanto Pinóquio e Moby Dick. Convivi com o livro em ambas as extremidades de meu espectro educacional: lembro-me das apresentações com flanelógrafo em minha classe de escola dominical em Montaria; vinte anos depois, na cidade de Nova York, foi o primeiro livro que li inteiro em hebraico. Foi tão interessante em hebraico quanto no flanelógrafo.

Uma das razões da longa popularidade de Jonas é que ele convida ao bom humor. O livro de Jonas, tanto no conteúdo quanto no estilo, é alegre, e ele evoca a alegria em nós.

Essa história, embora alegre, não é frívola, pois aqui não existe nada de fútil, apenas a mais séria verdade. Alguns aspectos da vida e da verdade podem ser melhor explorados por meio da diversão imaginativa. Existe uma honrosa camada de hermenêutica em nossa tradição que provoca esse texto.

Os rabinos se deram ao luxo de fazer isso e o disfarçavam sob o pomposo nome de mîdrash. Eu também gostaria de fazer isso: levar o texto a sério, mas de maneira divertida.

### **O Jonas desobediente**

Existem dois movimentos amplos na história de Jonas que localizam sua vocação, bem como as vocações daqueles que lêem a história, na espiritualidade. Esses movimentos se combinam para desfechar um golpe fatal contra a pretensão. Há uma enorme quantidade de romantismo pretensioso na vocação pastoral. Ele se acumula como mariscos no casco de um navio. A história de Jonas nos leva até à doca seca e raspa nossa pomposa falsa dignidade e nossas ambições inchadas pela fantasia.

O primeiro movimento na história mostra um Jonas desobediente; o segundo o mostra como profeta obediente. Em ambos, Jonas fracassa. Nós nunca vemos um Jonas bem-sucedido. Ele nunca acerta. Acho isso um tanto reconfortante. Jonas não é um

modelo a ser seguido, um modelo que mostra minha ineficiência; esse é um treinamento de humildade, uma humildade bem alegre, em vez de servil.

### **Fuga para Társis**

Veremos primeiro o Jonas desobediente. Ao receber seu chamado profético para pregar em Nínive, Jonas foi em direção a Társis. Társis é Gibraltar, ou Espanha — algum lugar nessas redondezas ou em direção a ela. O fim do mundo. Os portões da aventura.

A viagem de Jonas até Társis é iniciada com a palavra de Deus. Isto é vocacionalmente significativo. Ele não apenas ignora a palavra. Sai em Jope. Não volta ao seu velho emprego, qualquer que seja, anestesiando sua consciência vocacional com rotinas familiares. Ele vai, um ato de desobediência ou algo assim. Portanto, escolhe seu destino: Társis.

Ironias são numerosas na vocação pastoral, e eis uma das mais irônicas, uma ironia repetida geração após geração. Jonas usa o mandamento do Senhor para evitar a presença do Senhor. "Para ir com eles para Társis, para longe da presença do Senhor" (Jn 1:3). A fim de que a ironia não nos escape, existe uma repetição da frase "Társis, para longe da presença do Senhor", a sentença começa e termina com ela.

Entretanto, por que alguém fugiria da presença do Senhor? A presença do Senhor é um lugar maravilhoso: uma consciência da bênção, uma afirmação pessoal. "Presença" em hebraico significa literalmente "face" [paneh], uma metáfora carregada de experiências complexas e íntimas. Na infância, à medida que nossos olhos gradualmente se focalizam, a face é nossa primeira visão. Por meio dos rostos paternos, nós nos conhecemos, e, em sua expressão, aprendemos nosso lugar no mundo. Adquirimos confiança e afeto (ou, em alguns casos terríveis, rejeição e maus tratos) através da face. Nossos anos de formação são passados olhando para uma face, e crescemos em direção àquilo que olhamos com respeito. Assim, a metáfora derrama percepções baseadas na experiência. A face é a nossa fonte e o nosso sol sob o qual nos percebemos como intimamente concebidos e beneficentemente iluminados. Estes fatos se desenvolvem na metáfora da face de Deus. Os sentimentos e respostas que começam no berço desenvolvem-se no adulto, sob a influência da fé, e assumem a forma de atos de adoração: aventuras deliberadas na adoração de Deus e compromisso com Cristo, por meio dos quais escapamos do isolamento narcisista de contemplar os espelhos do nosso ego e de obter nossa própria visão da realidade, definida por nossos olhos vessos e nossa mandíbula cerrada. Por que alguém escaparia da presença/face de Deus para contemplar isso?

Por mais incoerente que pareça, existe um motivo. Uma coisa curiosa acontece quando experimentamos Deus. Ela aconteceu pela primeira vez no jardim do Éden e continua acontecendo. A experiência com Deus — êxtase, a totalidade dele — é acompanhada por uma tentação de reproduzir a experiência como Deus. O gosto por Deus torna-se numa ambição de tornar-se Deus. O ser amado por Deus é distorcido a ponto de se tornar uma cobiça de agir como Deus. Vislumbro um mundo onde Deus está no controle e acho que também posso assumir o controle. Abandono minha preferência pessoal por Deus e me associo à serpente despersonalizada e astuta. Fujo da face resplandecente de Deus para um mundo sinuoso da religião que me dá licença para manipular as pessoas e adquirir atributos quase divinos. Assim que começo a cultivar a possibilidade de adquirir esse tipo de poder e glória, certamente vou evitar olhar para a face de Deus, fugir da presença do Senhor e procurar um lugar onde eu possa desenvolver meu orgulho e adquirir poder.

Todos são tentados dessa forma — uns, mais; outros, menos —, mas pastores têm a tentação aumentada por sua vocação. Nós não somos sujeitos a essa tentação de imediato. Começamos nossa vocação regozijando-nos na presença do Senhor. Jonas certamente se regozijava. Caso contrário, ele não seria um profeta. Podemos deduzir que Jonas tinha uma vida bem estabelecida ministrando a Palavra de Deus. O início do livro mostra uma história já em andamento. Esta tentação específica só aparece depois de estarmos bem envolvidos com nossa vocação e, devido a esse envolvimento, já não estarmos, talvez, tão vigilantes como costumávamos estar nos anos de nossa formação pastoral, quando éramos postos à prova com as tentações básicas do ministério, as mesmas enfrentadas por Jesus no deserto (Mt 4:1-11).

Além disso, os pastores têm a seu dispor uma platéia substancial diante da qual devem agir de modo semelhante a Deus. Diferente de outras tentações que estão associadas a elementos de imoralidade, e por isso têm penalidades sociais e fisicamente visíveis, essa tentação é quase puramente espiritual e comumente recebe um reforço social. Se nós pregarmos a Palavra de Deus por muito tempo e com frequência, não é necessário um grande salto da imaginação para assumirmos uma postura típica do deus que está falando a palavra. Se a postura é reforçada pela credibilidade admiradora das pessoas a meu redor, benefícios de poder e bajulação começarem a ser desfrutados, eu certamente continuarei a fugir da presença do Senhor, pois lá fica o lugar onde certamente serei exposto como um enganador.

Existe uma longa e bem documentada tradição de sabedoria na fé cristã que indica que qualquer aventura como líder, quer seja leigo ou clérigo, é perigosa. É necessário que haja líderes, mas aí daqueles que se tornam líderes. A simples pressuposição da liderança — até mesmo os mais modestos avanços em direção a ela —, possibilita o aparecimento de pecados que eram então inacessíveis. Essas novas possibilidades são extremamente difíceis de serem reconhecidas como pecado, pois cada uma delas surge como virtude. Os descuidados abraçam essas novas "oportunidades" para o serviço do Senhor, sem perceberem a realidade de que estão mordendo a isca uma promessa que se transforma, mais cedo ou mais tarde, em maldição. "Não vos torneis muitos de vós mestres", alertou Tiago, que conhecia bem os perigos.

Os pecados que enfrentamos nos primeiros anos de nossa fé, se não são facilmente resistidos, são, pelo menos, facilmente reconhecidos. Se eu matasse um homem, reconheceria meu erro. Se eu adulterasse, pelo menos teria o bom senso de não o anunciar. Se eu roubasse, iria esforçar-me diligentemente para não ser descoberto. Os chamados "pecados menores", os pecados da carne como foram outrora categorizados, são óbvios, e não existem apenas na comunidade religiosa, mas também na comunidade civil que protesta contra sua proliferação. Os pecados maiores, "os pecados do espírito", não se discerne tão facilmente. O diagnóstico é difícil. O que será esse arroubo de zelo? Obediência enérgica ou presunção humana? O que será essa confiança exuberante? Santa ousadia inspirada pelo Espírito Santo ou arrogância alimentada por um ego ansioso? O que será essa liderança agressiva? Fé corajosa ou auto-exaltação? E este pregador subitamente importante, com uma grande legião de seguidores apaixonados? Será ele um descendente espiritual de Pedro com seus cinco mil convertidos arrependidos ou de Arão, satisfazendo o desejo de suas dezenas de milhares com danças e cânticos religiosos em volta de um bezerro de ouro?

Não é fácil dizer. Nem um pouco fácil. Em nenhum outro lugar o engano é mais comum do que na religião. E as pessoas mais sujeitas ao engano são os líderes. Aqueles que enganam outros, enganam primeiramente a si, pois não muitos, eu acho, começam com um propósito maligno. O Diabo, afinal, é um ser espiritual. Seu modo comum de tentação não é por meio de um mal óbvio, mas por meio de um bem aparente. A forma

mais comum de adoração inspirada pelo Diabo não ocorre furtivamente, com rituais de magia negra e galinhas decapitadas, mas sob as luzes brilhantes da aclamação e glória, acompanhada por belas músicas ao órgão.

Gerações mais sábias do que a nossa cercavam os líderes de conselhos e orientação. Não mandavam homens e mulheres para esse território perigoso sem antes fazer uma descrição minuciosa dos perigos e das constantes avaliações feitas ao longo de sua caminhada. Mesmo assim, o naufrágio espiritual era bastante comum. É difícil discernir se a insensatez dos nossos dias é mais óbvia quando ingenuamente enviamos pessoas a essas missões perigosas ou quando inocentemente confiamos em sua sinceridade. O líder religioso é o mais indigno de confiança dentre todos os líderes; em nenhuma outra posição temos tantas oportunidades de exercer orgulho, ambição e cobiça, nem temos tantas máscaras diferentes a nosso alcance para impedir que tal ignomínia seja descoberta e confrontada.

E por que Társis? Bem, para começar, é bem mais empolgante do que Nínive, que era um lugar antigo coberto por uma história arruinada e infeliz. Ir à Nínive para pregar não era uma missão cobiçada por um profeta hebreu com boas recomendações. Társis, entretanto, era outra história. Era um lugar exótico. Uma aventura. Társis tinha o encanto do desconhecido enfeitado com detalhes barrocos de fantasia e imaginação. Nas referências bíblicas, Társis era "um porto distante e às vezes idealizado". O livro de 1Reis 10:22 relata que a frota de Salomão ia a Társis pegar ouro, prata, marfim, macacos e pavões. O estudioso de línguas semíticas, Cyrus H. Gordon, diz que na imaginação popular ela era "um paraíso distante". Shangri-lá.

Esse escapismo exótico é bem familiar. Deus oferece a homens e mulheres uma vocação e os chama para realizarem uma obra. Nós respondemos a essa iniciativa divina, mas humildemente pedimos para escolher o destino. Seremos pastores, mas não em Nínive, faça o favor! Vamos experimentar Társis. Em Társis, podemos ter uma carreira religiosa sem termos de lidar com Deus.

É necessário que de vez em quando surja alguém que tente captar a atenção dos pastores na fila da agência de viagens em Jope para comprar uma passagem para Társis. Neste momento, estou fazendo isto. Se eu conseguir captar a atenção de alguém, o que quero dizer é que a vocação pastoral não é uma vocação glamourosa, e Társis não passa de uma mentira. O trabalho pastoral consiste de tarefas modestas, diárias e determinadas. É como o trabalho de um fazendeiro. O trabalho pastoral envolve rotinas semelhantes a limpar o curral, o estábulo, coletar o esterco e arrancar as ervas daninhas. Isso não é, em si, um trabalho ruim, mas, se esperamos cavalgar diariamente num desfile, num imponente cavalo preto, e então voltarmos para um estábulo limpo onde um empregado escova e alimenta nossa montaria, ficaremos extremamente desapontados e viveremos cheios de horríveis ressentimentos.

Existem muitas coisas gloriosas no trabalho pastoral, mas a congregação, como tal, não é gloriosa. A congregação é semelhante a Nínive: um lugar de trabalho duro sem muita expectativa de sucesso, pelo menos do modo como é medido pela sociedade. Porém, alguém tem de fazê-lo, alguém tem de fielmente dar visibilidade pessoal à continuidade da Palavra de Deus no lugar de adoração e oração, nos locais de trabalho e lazer, e nos congestionamentos da virtude e do pecado.

Qualquer pessoa que idealize a congregação presta um grave desserviço aos pastores. Ouvimos histórias de igrejas entusiásticas e cheias de charme e nos perguntamos o que estamos fazendo de errado, pois nossa congregação não tem nada a ver com isso como resultado de nossa pregação. Contudo, se examinarmos de perto, não existe uma congregação perfeita. Permaneça em um templo por algum tempo e você descobrirá fofocas intermináveis, equipamentos que não funcionam, discípulos que

desistiram, corais que desafinam — e coisas piores. Toda congregação é uma congregação de pecadores. Se isso não fosse ruim o bastante, todas elas têm pecadores como pastores.

Não nego que existam momentos esplêndidos na congregação. Eles existem. Muitos e freqüentes. Entretanto, também existem condições de penúria. Por que negá-lo? E como não ser assim? Não existe um pastor sincero no mundo que não esteja profundamente consciente das precárias condições que existem na congregação e, conseqüentemente, da tarefa interminável de limpar o lixo, encontrar um espaço para respirar, fornecer alimento adequado, sair às ruas dia após dia, noite após noite, arriscando sua vida com atos de fé e amor. Nós experimentamos isso semana após semana, ano após ano. Algumas semanas são um pouco melhores; outras, piores. Porém essa tarefa está sempre presente. Essas condições são idênticas às que Moisés enfrentou no Sinai; Jeremias, nas ruas de Jerusalém; Paulo, na lasciva igreja de Corinto; e João, entre as canas quebradas de Tiatira. Negar isso nos incapacita para nosso verdadeiro trabalho. Evitar isso nos separa das percepções espirituais de Isaías e da dor de Davi, da fome e da sede que nos atraem à justiça do Cristo crucificado.

Propagandistas estão por aí mentindo para nós a respeito de como as congregações são e devem ser. Eles estão mentindo por dinheiro. Querem nos deixar descontentes com o que estamos fazendo a fim de que compremos deles uma solução que, prometem, irá restaurar a energia de nossas congregações. O lucro entre os que negociam essas fórmulas espirituais indica que a credulidade pastoral nesse assunto é interminável. Pastores, que enfrentam o fracasso dessas fórmulas adquiridas, tipicamente jogam a culpa na congregação e a deixam por outra. O Diabo, que está por trás de toda essa falcatrua maquiada e engomada, tão facilmente nos deixa descontentes com o que estamos fazendo que levantamos as mãos, angustiados, e vamos para uma outra congregação que apreciará nossos dons no ministério e nossa devoção ao Senhor. Todas as vezes que um pastor abandona uma congregação por outra devido ao tédio, à raiva ou à inquietação, a vocação pastoral de todos nós é enfraquecida.

### **Fique onde você está**

Quando iniciei meu ministério pastoral em minha atual congregação, decidi que iria permanecer ali durante todo meu ministério. Eu tinha trinta anos de idade. Não havia nada de muito atraente no local; na verdade, naquela época, não existia nada, a não ser um milharal. Eu vinha lendo sobre São Benedito e estava ponderando sobre uma inovação radical que ele introduziu em sua ordem e que chamou minha atenção por ser extremamente sábia. No mosteiro do qual ele era o abade, acrescentou às três normas evangélicas — pobreza, castidade e obediência — uma quarta: um voto de estabilidade.

Na sua época, no século vi, os monges estavam sempre de mudança. O movimento monástico tinha começado no deserto egípcio há 350 anos entre alguns homens e mulheres solitários que buscavam uma vida santa. Durante anos, o movimento atraiu centenas de homens e mulheres que estavam cômicos de uma vocação religiosa e queriam viver de tal maneira que Deus pudesse usá-los para redimir esse século e salvar o mundo. Desde seus primórdios como agrupamentos pouco organizados de eremitas em torno de uns poucos indivíduos notáveis por sua austeridade e oração, o movimento se desenvolveu em comunidades de oração e trabalho com sedes espalhadas por toda a Europa, Síria e norte da África. Os monges não eram essencialmente pessoas gregárias; eram anarquistas espirituais que não gostavam muito de regras. No século III, Pacômio escreveu uma regra para a vida comunitária. Ele deu uma aparência de ordem para os bandos de ardentes devotos que buscavam a Deus. Os votos de castidade, pobreza e

obediência disciplinaram homens e mulheres que os abraçaram, fazendo deles poderosos agentes de ação social e oração contemplativa. À medida que aprenderam a viver juntos, eles desenvolveram fortes comunidades. Entretanto, um anarquismo latente combinado com uma busca de alcançar o melhor tornou-os sujeitos a um tipo de peregrinação espiritual. Podemos reconhecer algo similar à mentalidade do faroeste americano combinado aos elementos da livre iniciativa norte-americana. Era comum para os monges saírem de um mosteiro e irem para outro, achando estarem atendendo a um desafio maior, tentando atingir uma santidade mais austera. Porém, essas peregrinações eram sempre um pouco suspeitas: eles estariam realmente buscando conhecer mais sobre Deus, ou evitando o Deus que estava se revelando a eles?

Na época de Benedito, essa inquietação mascarada como uma jornada espiritual era intensa. Quando o mosteiro mostrava-se menos do que ideal, os monges sempre procuravam um melhor, com um abade ou uma abadessa mais santos e monges mais justos. Eles tinham certeza de que, se entrassem na comunidade certa, teriam um ministério mais eficiente. Benedito pôs um fim nisso. Ele introduziu o voto da estabilidade: fique onde você está.

Quando eu, nos primeiros anos de vocação pastoral, fiquei sabendo disso, pareceu-me ser um sábio conselho para mim como pastor americano, e o aceitei. Anteriormente, eu havia sido conduzido ao sistema de carreira pastoral: alistar-se para aconselhamento vocacional, estabelecer padrões de carreira, galgar degraus na escada vocacional. Na época fiquei chocado com a imaturidade disso; o tipo de coisa feita pelo cônjuge que nunca amadurece, deixando seu parceiro quando ele ou ela não mais o satisfaça.

De alguma maneira, nós, pastores, sem percebermos o que estava acontecendo, tivemos nossas vocações redefinidas pelos termos da carreira empresarial. Paramos de pensar na igreja como um lugar para a espiritualidade pastoral e passamos a vê-la como uma oportunidade para avançarmos. Társis, e não Nínive, era o destino. No momento que fizemos isto, começamos a agir erroneamente, pois a vocação de um pastor tem a ver com viver as implicações da Palavra de Deus numa comunidade, sem velejar pelos mares exóticos da religião em busca de fama e fortuna.

Um dia, enquanto lia um relato da espiritualidade intensa e vocacional que tinha sido desenvolvida pelos monásticos, que a essa altura eu admirava consideravelmente, encontrei um texto que ancorava os votos beneditinos num porto de profunda sabedoria, sabedoria que eu via confirmada em minha própria experiência. O assunto era a vocação espiritual de um monge, mas, enquanto eu lia, substituí "monge" por "pastor" e "mosteiro" por "congregação". Com estas substituições, o texto ficou assim:

O que é inútil e destrutivo é imaginar que iluminação ou virtude podem ser encontradas na busca de um estímulo novo. A vida pastoral é uma negação de qualquer ponto de vista que torne a maturidade humana perante Deus dependente de estímulos externos, "bons pensamentos", boas impressões, influências e idéias edificantes. Ao contrário, um pastor deve aprender a viver com sua própria escuridão, com o horror ou tentação interior e com a fantasia. A salvação atinge toda a psique; tentar escapar ao tédio, à frustração sexual, à inquietação, aos desejos insatisfeitos buscando tarefas e idéias novas é tentar descartar estas áreas da graça. Sem as experiências humilhantes e totalmente "não espirituais" da vida eclesial — a rotina limitada de tarefas triviais, o tédio e a solidão —, não haveria maneira de confrontar boa parte da natureza humana. Trata-se de uma disciplina de destruir ilusões. O pastor veio até sua igreja para escapar à ilusória identidade cristã proposta pelo mundo; ele agora tem de ver as raízes interiores da ilusão, a busca de um controle dramático e satisfatório de sua vida, o velho e conhecido imperialismo do ego apoiado pelo intelecto.

Ao usar "mosteiro" como metáfora para "igreja", encontrei uma maneira de me desapegar da mentalidade de carreira que tem sido tão prejudicial às vocações pastorais e comecei a ver minha congregação como um local de amadurecimento espiritual para minha vida e meu ministério. Não insisto na metáfora para todos. Talvez ela só funcione para mim. Insisto, todavia, que a congregação não é mero local de trabalho a ser abandonado quando surge uma oferta melhor.

A congregação é o local onde o pastor desenvolve sua santidade vocacional. É desnecessário dizer que se trata do local de ministério: pregamos a Palavra, ministramos os sacramentos, oferecemos cuidado e ministração pastoral para a vida comunitária, ensinamos e damos direção espiritual. Além de ser o local onde desenvolvemos virtudes, aprendemos a amar, progredimos em nossa esperança — e nos tornamos o que pregamos. Ao mesmo tempo que proclamamos o Evangelho, desenvolvemos uma vida santa. Não nos atrevemos a separar o que fazemos do que somos. Paulo revela essa congruência necessária entre eleição (como santos) e vocação (como ministros) quando coloca "o desempenho do seu serviço" junto "à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4:12,13). A congregação oferece os ritmos, as associações, as tarefas, as limitações, as tentações — as condições — para esse crescimento "em tudo naquele que é o cabeça, Cristo" (Ef 4:15). Essas condições talvez não sejam nem mais nem menos favoráveis à vida de fé em Jesus do que a de um fazendeiro, professor, engenheiro, artista, balconista —, mas elas são nossas. Precisamos levá-las a sério.

### **Pornografia eclesiástica**

Existe uma tendência generalizada de nos esquivarmos das condições; mais comumente, essa fuga é alcançada ou por um encantamento artificial da igreja ou por seu repúdio. Fico muito ressentido quando pessoas tentam me atrair até Tárzis, pintando o trabalho pastoral como servir de sacerdote para os turistas do Mar Religioso — admirando as paisagens das Ilhas Gregas, parando em Roma para um tour pelas ruínas e museus, e finalmente chegando à lendária Tárzis.

Esse encantamento artificial da igreja é pornografia eclesiástica — tirando fotos ou pintando quadros de congregações que não têm mancha ou mácula, algo que só existe em umas poucas igrejas por alguns curtos anos. Estes quadros exibidos de maneira provocante não possuem relacionamentos pessoais. Os quadros atizam a cobiça por domínio, gratificação e por uma espiritualidade impessoal e sem envolvimento. Minha própria imagem de uma congregação desejável era lapidada por tal pornografia um templo com uma torre alta e uma congregação banal. Fico espantado e alarmado que, mesmo tendo parado há muito de olhar as revistas e cartazes nas paredes da minha imaginação vocacional, ainda estou vulnerável à sedução.

O repúdio da paróquia ocorre mais repentinamente, muitas vezes pela imaginação de estruturas alternativas. Quantos de nós, no final de um longo dia de trabalho, sonhamos em começar um centro de retiro para ser freqüentado apenas por famintos e sedentos, ou em formar comunidades onde apenas pessoas muito motivadas podem entrar, ou em escapar para um seminário ou universidade onde as complexidades do pecado e os mistérios da graça não sejam mais uma preocupação vocacional, trocados pelas categorias formidáveis, porém mais manejáveis de ignorância e conhecimento? Tamanha fantasia retira a energia da realidade e nos torna petulantes.

Nem todos são chamados para ser pastor. Existem diversos ministérios na Igreja de Cristo. Entretanto, nós que fomos designados para a vocação pastoral, devemos



compreender e aceitar a natureza e as condições de nosso trabalho, e não do trabalho de outro.

Congregações normais são a escolha de Deus para a forma da igreja num local, e os pastores são as pessoas designadas para dirigi-las no ministério. O apóstolo Paulo falou sobre a loucura da pregação; eu quero falar sobre a loucura da congregação. De todas as maneiras com as quais podemos nos comprometer no empreendimento da igreja, este deve ser o mais absurdo — este conjunto aleatório de pessoas que de alguma forma se ajuntam nos bancos das igrejas aos domingos, cantam sem entusiasmo algumas músicas das quais muitos não gostam, atentam ou não para os sermões de acordo com seu estado de digestão e os decibéis do pregador, além de serem desajeitadas em seus compromissos e atabalhoadas em suas orações.

Entretanto, as pessoas que se sentam nestes bancos também sofrem profundamente e encontram a Deus em seus sofrimentos. São homens e mulheres que assumem compromissos de amor, são fiéis a eles em meio às lutas e tentações, produzem frutos de justiça, frutos espirituais que abençoam outros a sua volta. Bebês, cercados de pais e amigos esperançosos e alegres, são batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Adultos, convertidos pelo Evangelho, surpresos e surpreendendo a todos que os conhecem, também são batizados. Os mortos são entregues a Deus nos funerais que dão um testemunho solene e alegre da ressurreição em meio às lágrimas de dor. Pecadores que honestamente se arrependem e confiantemente tomam o corpo e o sangue de Jesus e recebem uma nova vida.

Estas, no entanto, estão misturadas a outras, que freqüentemente não são diferentes delas. Não acho, bíblicamente, nenhuma outra forma de igreja. Nada em Israel me impressiona como sendo maravilhosamente atraente. Se eu estivesse buscando uma igreja no século vii a.C., acho que os templos egípcios e zigurates babilônicos ou os belos bosques dedicados a Asera nos verdes montes da Samaria seriam muito mais atraentes. Se eu estivesse em busca de uma religião no século i a.d., tenho certeza de que tanto a pureza da sinagoga quanto os rumores intrigantes das religiões de mistério gregas, ou até mesmo o humanismo helenístico com uma pitada de mitologia, ofereceriam muito mais atrativos para minha alma de consumidor.

Apenas sessenta ou setenta anos após o Pentecostes, temos um relato sobre sete igrejas que exibiam mais ou menos a mesma qualidade de santidade e profundidade de virtude encontrada em congregações comuns hoje em dia. Em dois mil anos de prática, não melhoramos nada. Você poderia pensar que sim, mas a resposta é não. Todas as vezes que abrimos uma porta de igreja e damos uma cuidadosa olhada lá dentro, os encontramos novamente — os pecadores. Também encontramos Cristo. E nas pregações, nos sacramentos, mas inconveniente e embaraçosamente misturado a uma congregação de pecadores.

É de se esperar nestas situações que com alguma freqüência certas pessoas se manifestem com algum novo projeto para melhorar as coisas. Elas querem purificar a igreja. Propõem torná-la algo que proclame ao mundo a beleza atraente do Reino. Com poucas exceções, essas pessoas são, ou logo se tornam, hereges, tomando apenas a porção do Evangelho que são capazes de administrar e aplicar às pessoas a sua volta, tentando construir uma versão de igreja que é tão bem-comportada e tão eficientemente organizada que não tem necessidade de Deus.

Elas detestam tanto o escândalo da cruz quanto o da igreja. Não têm nada a ver com a congregação em Nínive. Elas vão velejar até Társis e começar de maneira nova, limpa e gloriosa.

Entretanto, é da própria natureza do trabalho pastoral abraçar esse escândalo, aceitar essa humilhação e trabalhar diariamente com ela. Sem desprezar a vergonha e tampouco negá-la.

Ao ouvir muitos pastores conversando com outros pastores quando estão longe de suas igrejas, você não acreditaria em nada disso. Todos contam histórias maravilhosas sobre programas de sucesso e conversões notáveis. Eu costumava ler esses livros e ouvir essas histórias, e ficava impressionado. Após alguns anos de cuidadosa leitura bíblica e observação de igrejas, não fico mais impressionado. Acho bem mais provável que esses pastores, à medida que dizem a verdade, estão dirigindo alguma forma de religião de mistério grega, ou um santuário de Baal, ou um desfile religioso babilônico.

### **O agente de viagens em Jope**

Quatro anos após minha ordenação, fui abençoado com uma tarefa missionária como pastor organizador de uma nova congregação. Em 1962, minha esposa, minha filha de dois anos e eu chegamos a Maryland, nos arredores de uma pequena cidade que, com o passar dos anos, se transformaria em um bairro nobre da cidade de Baltimore. Eu estava decidido a desenvolver uma congregação que seria pura e intensa. Nós iríamos evitar toda a pompa da religião idólatra e da cultura hedonista e viver o Evangelho com compromisso e paixões profundas.

Não demorou muito até me vi envolvido em algo bem diferente. Eu estava em Nínive. Estava com pessoas preocupadas, doentes de ilusão, inconstantes, entediadas, instáveis em sua devoção. Eu tinha ingenuamente suposto que na nova congregação que estava organizando — que se reunia no porão de nossa casa para adorar, realizando a Escola Dominical nas salas de estar da casa e porões por toda a vizinhança, e com um prédio a ser financiado e construído — que toda essa inconveniência filtraria os indecisos, os superficialmente religiosos, os turistas da devoção a Deus. Em um ano, eu tinha reunido algo bem mais semelhante à congregação em Ziclague. Quando Davi estava no deserto, persona non grata para com a corte do rei Saul, reunindo a sua volta um bando de foragidos para sobreviver, "ajuntaram-se a ele todos os homens insatisfeitos e sem valor de Israel" (1Sm 22:2; grifo do autor). Por fim, uma base em Ziclague (1Sm 27:6; 30:1). Ziclague era a identificação bíblica daquilo de que eu cuidava aos domingos pela manhã. Peguei as pessoas que não se encaixavam em congregações já estabelecidas, os desajustados e insatisfeitos.

Tive de revisar minha imaginação: estas eram as pessoas das quais eu era pastor. Não eram as pessoas que eu teria escolhido, mas eram as pessoas que me haviam sido entregues. O que poderia fazer? "Mestre, alguém semeou o joio durante a noite." Eu queria arrancar as ervas daninhas daquele campo. A resposta do Mestre foi apontada diretamente para mim: "Deixe-as para a colheita. Deixe que cresçam juntas." Sábio conselho, pois meu olho destreinado não conseguiria então discernir a diferença entre a erva daninha e a planta boa que cresciam juntas. Ainda agora, depois de todos esses anos, na maioria das vezes não consigo ver a diferença. Aos poucos, abandonei minhas ilusões de Tárzis e me ajustei à realidade de Nínive.

Não foi fácil, e não foi de uma vez só. Eu gostaria de poder me gabar de ter mantido meu voto de estabilidade, mas não posso. Eu o quebrei três vezes. Três vezes nos últimos 29 anos, fui ao agente de viagens em Jope para comprar uma passagem para Tárzis. Em cada uma dessas vezes, cheguei a um lugar onde achava que não agüentaria ficar mais do que uma semana. Estava entediado. Deprimido. Não havia mais desafio. Não havia estímulo para fazer o meu melhor. As pessoas não tiravam de mim o que eu tinha de melhor. Meus dons não eram reconhecidos ou valorizados. Espiritualmente, eu

sentia que estava num pântano — essa cultura dos bairros nobres era uma terra improdutiva, esponjosa e encharcada. Sem idéias firmes. Sem convicções fortemente defendidas. Sem compromisso sacrificial. Preguar para aquelas pessoas era como falar com meu cachorro — elas respondiam a minha voz com gratidão, aproximavam-se de mim, seguiam-me, demonstravam afeto. Porém, o conteúdo de minhas palavras significava muito pouco. A direção de minha vida era inútil. Eles eram facilmente distraídos, correndo atrás de idéias novas ou mirabolantes que prometiam mudança ou empolgação.

Em cada uma dessas ocasiões, eu sabia sem dúvida que estava no lugar errado com a congregação errada. Eu era um pastor, pelo amor de Deus, com o Evangelho eterno em minha língua e um amor radical para com Cristo em meu coração, e aqui estava cercado por "primos distantes". Eles eram primos muito bons — gentis para comigo, amigáveis, apreciadores de meu trabalho — mas suas vidas eram moldadas por comparação de preços e por confortos materiais. Eles não combinavam com nenhuma das imagens nos cartões postais de viagem que eu tinha visto em outras igrejas mais atraentes.

Então decidi partir para Társis. Li os prospectos de viagem (em minha denominação, eles eram chamados de formulários de informação sobre a igreja). Comprei a passagem (isto é chamado de "ativação de seu dossiê"). Entrei na fila do barco no cais de Jope que me levaria a Társis. Eu não estava negando meu chamado ao pastorado, mas respeitosamente afirmei meu direito de determinar o local. Afirmação era uma palavra-chave em meu vocabulário naquela época.

Fiz isto três vezes. Três vezes, quebrei meu voto de estabilidade.

Cada vez, após fazer inúmeras pesquisas e escrever cartas urgentes sem obter resposta, desisti e voltei ao trabalho ao qual já tinha sido designado, Nínive. Nunca cheguei a Társis, mas não posso reivindicar qualquer crédito. Tentei várias vezes e com muita vontade. Todas as vezes, minha passagem me foi negada. Não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser voltar para meu próprio lugar.

Algo interessante aconteceu a cada vez. Após engolir meu orgulho e acomodar-me a minhas frustrações, encontrei profundezas de minha própria vida emergindo até o nível consciente e, com elas, a profundidade na congregação que eu sequer suspeitava que existissem. Cada vez, eu crescia um pouco mais. Cada vez, eu desenvolvia mais respeito por essa estranha entidade, "a congregação". Pelo menos parte desse crescimento e desenvolvimento foi "em Cristo".

Às vezes, fico imaginando se o apóstolo Paulo não tinha ocasionalmente algumas febres de Társis. Sabemos que ele queria ir para Társis (a "Espanha" de Rm 15:24) e fez planos para isso. Porém, ele também não chegou lá; ao contrário, passou dois anos numa prisão em Cesaréia e depois, após uma tempestade no mar, semelhantemente à história de Jonas, ficou preso em Roma por mais dois anos. O lugar distante onde ele achava que faria sua obra mais gloriosa tornou-se na verdade uma pista falsa, uma ilusão de Társis; as realidades ninivescas de seu ministério foram uma prisão e um naufrágio.

Procurar e aceitar o convite para outra congregação não é errado em si, ou um ato escapista de covardia e irresponsabilidade. Deus nos chama para realizarmos diferentes tarefas em novos lugares. A estabilidade geográfica não é um alvo bíblico. O povo de Deus e seus pastores mudaram-se várias vezes: de Ur para Canaã, para o Egito, para o Sinai, para Cades, só para começar. Daí, para a Babilônia e de volta a Canaã. Locomovendo-se entre a Galiléia e Jerusalém. Para Antioquia, até Atenas, atravessando até Roma. Depois "para os confins da terra".

São várias as vezes em que o pecado, a neurose ou uma mudança tornam difícil para o pastor e a congregação permanecerem juntos, fazendo com que seja necessário que o pastor mude de congregação. São várias as vezes em que Deus, em sua sabedoria e soberania, escolhe um pastor por seus motivos, presumivelmente estratégicos. O pastor que, em tais circunstâncias, insiste em ficar, usando o falso argumento de "compromisso e fidelidade", provoca feridas desnecessárias no Corpo de Cristo.

A norma para o trabalho pastoral, no entanto, é a estabilidade. Pastorados de vinte, trinta e quarenta anos deveriam ser comuns (como costumavam ser), e não exceções. Muitos pastores mudam de congregação, pois estão com tédio de adolescente, não como uma conseqüência de maturidade e sabedoria. Quando isso acontece, nem o pastor nem a congregação têm acesso às condições que são propícias para a maturidade na fé.

### **O Jonas obediente**

O primeiro movimento de Jonas é o da desobediência, velejando aventureiramente para Târsis. A desobediência é abortada. O segundo movimento consiste na obediência, atravessando o deserto escaldante para chegar a Nínive. Jonas chega a Nínive obediente.

Nós, muito naturalmente, esperamos que esse movimento seja coroado de sucesso, mas não é. O Jonas obediente acaba por violar a Palavra de Deus tanto quanto o Jonas desobediente. Esse é um detalhe da história que é muito negligenciado e que os pastores não podem se dar ao luxo de negligenciar.

Jonas deixou sua desobediência na tempestade do mar e foi resgatado por um grande peixe. Salvo, ele vai para Nínive, o lugar aonde Deus tinha ordenado que fosse. Ele prega a Palavra de Deus como lhe fora ordenado pregar. O Jonas obediente no entanto é ainda pior do que o desobediente. O Jonas obediente é irado e vingativo. Ele odeia Nínive. Despreza Nínive. É uma cidade desprezível, e ele não tem amor por ela. Jonas obedece ao mandamento de Deus, mas trai o espírito de Deus com sua ira.

### **Obediência profissionalizada**

Jonas, é claro, a essa altura, já é um profissional completo. Se ele não pode ir a Târsis, onde poderia ser um pastor sem a inconveniência da presença de Deus, ele pregará com ortodoxia dogmática profissional, de maneira tal que não precise viver na presença do Senhor.

Quando os ninivitas se arrependem perante Deus e são misericordiosamente perdoados por ele, o desgosto enfadado de Jonas trai sua completa indiferença para com Deus, para com a maneira de Deus agir, e para com o povo que acaba de se tornar povo de Deus. Agora Jonas tem uma reputação profissional a manter. Ele não quer saber nada de sua congregação, está interessado apenas na autoridade literal e dominante de sua pregação. Ele pregou a destruição em quarenta dias, e, por Deus, haveria destruição.

Acho este detalhe muito alarmante nessa história. Aqui ela se torna mais autobiográfica do que no primeiro movimento, pois eu com maior freqüência obedeço a meu chamado do que sou desobediente a ele. Eu faço meu trabalho. Cumpro minhas responsabilidades como ministro da Palavra e dos sacramentos. Visito os doentes e consolo os enlutados. Apareço na igreja a tempo de dirigir o culto dominical, oro quando sou convidado a fazê-lo durante os jantares da igreja, e fico na segunda base nos jogos de beisebol nos piqueniques da igreja. Entretanto, nessa vida de obediência, existe uma diminuição constante da satisfação do ego, pois, enquanto realizo meu trabalho, percebo que as pessoas respondem cada vez menos a mim e respondem cada vez mais a Deus. Elas escutam coisas diferentes nos sermões que preguei tão cuidadosamente, e

fico ofendido com sua falta de atenção. Elas encontram maneiras de reagir positivamente ao Espírito de Deus que não se encaixam nos planos que eu tenho para a congregação — planos que, com a cooperação delas, não só serviriam para glorificar a Deus, mas resultariam em meu crédito como um de seus grandes líderes.

Em mim, e também em meus colegas, descubro que este ressentimento para com a congregação é o "pecado que jaz à porta" todas as vezes que entro ou saio da igreja.

Aqui está novamente uma das verdades mais antigas sobre a espiritualidade, com variações especiais no ministério pastoral: é no nosso virtuoso comportamento que estamos sujeitos aos pecados mais graves. É enquanto estamos sendo bons que temos a oportunidade de sermos muito maus. É nesse contexto de sermos responsáveis, obedientes, que substituímos a vontade de Deus pela nossa vontade, porque é muito fácil achar que elas são idênticas. É quando tentamos ser pastores bons que temos a maior chance de desenvolver o húbri pastoral — orgulho, arrogância e insensibilidade para com aqueles que Jesus chamou de "o menor destes meus pequeninos irmãos", e que Jonas chama de "pessoas que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda" (4:11).

Quando estamos sendo pastores obedientes e bem-sucedidos, corremos mais perigo do que quando estamos sendo desobedientes e fugitivos. Para dar-nos um alerta adequado, a história mostra que o Jonas obediente é muito menos atraente do que o Jonas desobediente: em sua desobediência, ele pelo menos teve compaixão da tripulação do barco; na obediência, tem apenas desdém para com os habitantes de Nínive.

### **O tipo de pastor que realmente somos**

Há uma nota final de graça, pois existe um final feliz nessa história. A maravilhosa e graciosa surpresa aqui é que, em ambos os movimentos da vida de Jonas, desobediente e obediente, Deus o usou para salvar vidas. Em sua desobediência escapista, os tripulantes do barco oraram ao Senhor e iniciaram uma vida de fé: "Temeram, pois, estes homens em extremo ao Senhor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos" (1:16).

Em sua raivosa obediência, todos os ninivitas foram salvos: "Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez" (3:10). Nessa história, nunca vemos o tipo de pastor que gostaríamos de ver, mas apenas o tipo de pastor que realmente somos. Colocar um espelho diante de nós e expor nosso duplo fracasso seriam um fardo severo e insuportável, não fosse esta outra dimensão da história: Deus realiza seus propósitos por meio de quem realmente somos, com nossa desobediência impetuosa e nossa obediência impiedosa, e generosamente usa nossa vida tal como encontra para realizar sua obra.

Ele faz isso de tal maneira que é quase impossível para nós recebermos crédito por ela, mas também de tal maneira que em algum lugar no caminho ficamos surpreendidos com as vitórias que ele realizou, no mar e na cidade, onde desempenhamos nosso estranho papel de Jonas.

PETERSON, Eugene. **A vocação espiritual do pastor**. 1ª Edição. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 21-40.